



SISS-Geo apresenta os dez colaboradores que mais se destacaram em 2018

Entre os cerca de 2500 colaboradores do Sistema de Informação em Saúde Silvestre – SISS-Geo, os dez colaboradores que mais se destacaram em 2018 são do estado do Rio de Janeiro (3), Bahia (2), Santa Catarina (2), Minas Gerais (1), São Paulo (1) e Goiás (1).

1º Lugar
Rian Pereira da Silva
Ilhéus - BA

6º Lugar
GEAS Unisul
Tubarão - SC

2º Lugar
Carlos Alberto Silva
Magé - RJ

7º Lugar
Celio Haroldo
Serra Grande - BA

3º Lugar
Rodrigues Alex
Barbacena - MG

8º Lugar
Nicolas
Blumenau - SC

4º Lugar
Malinda Henry
Macaé - RJ

9º Lugar
Paula Beatriz de Arruda
São Carlos - SP

5º Lugar
Saulo Toledo de Araujo
Itaboraí - RJ

10º Lugar
Fernando Tatagiba
Alto Paraíso - GO



Rian Pereira da Silva é o colaborador Número 1 do SISS-Geo pelo segundo ano consecutivo. Oceanógrafo, mestre em Geociências (UFRGS) e doutor em Geologia Marinha, Costeira e Sedimentar (UFBA), atua como Diretor Presidente do Instituto Marola, sediado em Olivença – Ilhéus - BA. Além de usar o app SISS-Geo no monitoramento de praias, Rian compartilha conhecimento com idosos e crianças usando o guia “Biodiversidade faz bem à Saúde”. Seus registros no SISS-Geo permitiram a identificação e a causa da mortalidade anormal de diversas espécies de tartarugas marinhas ameaçadas de extinção em Olivença, colaborando para a conservação destas espécies.



Rian realiza oficina com crianças e idosos no CRAS (Centro de Resgate de Animais Silvestres) de Olivença, Sul da Bahia.



Pheterson Godinho, montanhista e condutor de trilhas do Parque Nacional da Serra dos Órgãos RJ é embaixador do SISS-Geo. Pheterson já faz mais 1.100 registros e 261 no ano de 2018.

A categoria Embaixador SISS-Geo, destaca pessoas que representam, divulgam e incentivam novos colaboradores para o uso do aplicativo e do Sistema de Informação em Saúde Silvestre da Fiocruz.



Bichos no SISS-Geo

Foto: Douglas Barents



Cobra

Xenodon neuwiedii, Günther 1863



Colaborador: Douglas Barents, de 23 anos é estudante de Biologia do Centro Universitário Serra dos Órgãos, em Teresópolis, participou do Curso de Saúde Silvestre e Humana no Parque Nacional Serra dos Órgãos e colabora com o SISS-Geo desde maio de 2017.

Registro: 5006

O animal foi fotografado no bairro de Limoeiro, município de Guapimirim, no estado do Rio de Janeiro, próximo a riacho, em bairro residencial.

Espécie validada pelo Prof. Dr. Renato Silveira Bérlis. Herpetólogo da Universidade Federal do Espírito Santo, São Mateus, Espírito Santo.

Nome popular: boipevinha ou falsa-jararaca.

Taxonomia: Dipsadidae, Colubroidea, Caenophidia, Alethinophidia, Serpentes, Squamata.

Distribuição: Ocorre no centro, sudeste e sul do Brasil (da Bahia ao Rio Grande do Sul), Paraguai e norte da Argentina (em Misiones e possivelmente em Corrientes).

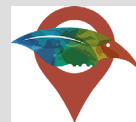
Descrição: Inofensiva, relativamente comum e endêmica da Mata Atlântica. Alimenta-se estritamente de anuros (pererecas, sapos, rãs, principalmente de espécies de sapos do gênero *Bufo*), é ovípara, terrestre, de médio porte, diurna e ativa durante todo o ano.

Habitat: Vive em áreas florestais e geralmente é encontrada no solo e próxima aos corpos de água. Indivíduos foram encontrados em fazendas de café com remanescentes de floresta Atlântica decídua e semidecídua.

Previna-se de acidentes ofídicos

- Não ponha as mãos em tocas de animais, buracos na terra ou ocos de árvores;
- Ao caminhar na mata ou no campo observe o local onde vai pisar e os galhos de árvores a sua frente, algumas serpentes vivem nas árvores.
- Use perneira quando for andar no mato ou na roça.
- Antes de fazer trilhas saiba quais os hospitais próximos possuem soro antiofídico.

Clique no botão ou acesse a url abaixo para visualizar o registro 5006 no mapa do SISS-Geo.



<http://sissgeo.lncc.br/index.xhtml>

[Conheça a lista atualizada de polos de soro antiofídico no Brasil](#)

[O que são acidentes ofídicos? O que outras espécies podem causar?](#)

Fonte das informações:

Embert, D. 2010. *Xenodon neuwiedii*. The IUCN Red List of Threatened Species 2010: e.T174104A7015431. <https://www.iucnredlist.org/species/174104/7015431> Downloaded on 18 February 2019.

Tráfico de animais silvestres traz riscos à biodiversidade e ameaças à saúde silvestre e humana

O tráfico de animais silvestres é um dos comércios ilegais mais rentáveis e a terceira prática clandestina mais lucrativa no mundo, atrás somente do tráfico de drogas e de armas (ONU).

Por sua rica biodiversidade, o Brasil é um dos países mais afetados pela retirada ilegal de animais de seus habitats naturais para a comercialização.

Os destinos dos animais vivos são zoológicos, colecionadores, laboratórios para testes e fabricação de medicamentos. Mas muitos deles são mortos para a venda de peles, ossos, dentes, como os casos de avanço da caça da onça pintada e tradicionalmente de jacarés.

De acordo com informações do Ibama, os estados onde ocorrem a maior parte das capturas de animais são Maranhão, Bahia, Ceará, Piauí e Mato Grosso. Já os estados com o maior mercado consumidor são São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Aproximadamente 90% dos animais silvestres morrem logo depois de retirados de seu habitat natural.

Informações levantadas pela Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais Silvestres – Renctas, apontam que cerca de 38 milhões de animais são retirados de seus habitats naturais, anualmente, no Brasil.

A falta de cuidados apropriados com os animais silvestres durante o tráfico é um risco importante para a saúde não só dos animais, mas também para aqueles que os traficam e compram. Animais silvestres hospedam espécies de parasitas próprias de suas espécies e estas podem se tornar agentes infecciosos para as pessoas e outros animais.

Dentre estes microrganismos estão vírus como o da raiva e Herpes vírus, comuns entre mamíferos, e que são transmitidos pela saliva e outras secreções animais.

Os agentes infecciosos que são transmitidos pela ingestão de fezes ou por alimentos e objetos contaminados pelas fezes impactam de modo importante os animais silvestres vítimas do tráfico, bem como daqueles que os manipulam. Isso porque as condições de maus-tratos as quais são submetidos e o confinamento compartilhado com indivíduos, às vezes com outras espécies, aumentam o risco da circulação e infecção destes microrganismos.

Entre estes são comuns as bactérias como as *Campylobacter* e *Salmonella* nas serpentes, jabotis e outros répteis e também nas aves, assim como protozoários entre estes as amebas e *Giardia*, dentre muitos outros.

Vale ainda, salientar que a manutenção destes animais encarcerados, em locais onde existem vetores é um risco adicional à saúde de todos. Engaiolados, eles se tornam a fonte de infecção para mosquitos, carrapatos e outros vetores, que uma vez infectados, dispersam agentes infecciosos para humanos e outros animais.



Foto: João Leite – Registro SISS-Geo 5406, em 14/02/2019, no entorno do Parque Nacional Serra da Capivara, PI.

O tráfico de primatas, por exemplo, pode ser uma das fontes de dispersão da Febre Amarela (Mascheretti et al., 2013) e de muitos outros patógenos, como o agente da Tuberculose.

Por todos esses motivos e, ainda, por saber que muitos destes organismos infecciosos são desconhecidos da ciência, assim como as doenças que podem causar, identificamos o tráfico e a comercialização de animais silvestres como prática de alto risco para a saúde humana e de animais.

No Brasil, o controle e a fiscalização de animais silvestres são feitos pelo Ibama e pela Polícia Militar Ambiental dos estados.

A denúncia do tráfico e comercialização ilegal de animais pode ser feita anonimamente.

DENUNCIE

IBAMA: 0800-618-080

LINHA VERDE: linhaverde.sede@ibama.gov.br



Fonte: Campanha ICMBio

<http://www.icmbio.gov.br/portal/ultimas-noticias/4905-traffic-de-animais-contribui-para-extincao-de-especies>

Parcerias apoiam órgãos de controle de tráfico animais silvestres



Diversas organizações da sociedade civil se empenham em auxiliar o combate e a repressão ao tráfico e a comercialização ilegal de animais.

O problema é tão disperso pelo País que é importante a participação e a ação de toda a sociedade.

A Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais Silvestres – Renctas dedica-se exclusivamente ao tema e desenvolve treinamentos e capacitação de agentes públicos no combate ao tráfico de animais silvestres, além de atividades educativas e relatório com a consolidação dos dados nacionais.

Entrevista: Dener Giovanini *

CISS - Quais os procedimentos que o Brasil adota para controlar e prevenir a entrada de novos patógenos que podem chegar ao País com o comércio legal e ilegal de animais silvestres?

Dener Giovanini - O Brasil como quase a totalidade dos países, possui mecanismos de controle e fiscalização sanitária para evitar a entrada de agentes zoonóticos. No entanto, alguns países possuem protocolos, condições e estruturas muito melhores do que o Brasil que, em grande parte das suas fronteiras não tem nenhum dispositivo de fiscalização sanitária. As fronteiras secas só na Amazônia somam cerca de 11 mil quilômetros, por onde entram vários produtos ilícitos entre eles, animais ilegais. Não podemos afirmar que o Brasil possui um controle de fiscalização eficiente porque não está presente em todas as zonas de fronteiras e os postos de controle, principalmente nos aeroportos e em alguns portos, carecem de infraestrutura no momento e pós momento da fiscalização. Se não me engano, temos apenas um centro de quarentena de animais apreendidos em Cananeias em São Paulo, com capacidade muito limitada.

Gostaria de destacar duas questões que considero importantes: por melhor que seja em qualquer país do mundo, a fiscalização sanitária só vai funcionar para o que entra legalmente no País ou seja, o que entra por meio de mecanismos ilegais não passa por nenhum controle sanitário e este é o grande perigo. A Renctas alerta que o Brasil ainda precisa evoluir bastante no controle sanitário de suas fronteiras principalmente no que diz respeito à entrada da fauna ilegal. Um outro aspecto importante a se considerar, são os patógenos trazidos por exemplo pelas aves migratórias e a circulação de patógenos internos. Animais trazidos ilegalmente da natureza para o consumidor final podem ser uma “bomba biológica” trazendo agentes de doenças conhecidas e desconhecidas e consequentemente graves problemas de saúde pública. Portanto, temos que ficar atentos para o que entra pelas fronteiras e o que circula internamente com o tráfico de animais silvestres.

CISS - Como as tecnologias de informação e a participação social podem auxiliar no controle e ações de combate ao tráfico de animais silvestres?

Dener Giovanini - As tecnologias de informações podem contribuir muito. Existe uma força importante das redes sociais que denunciam, alertam e conscientizam a população sobre danos ecológicos, sanitários, sociais e econômicos causados pelo comércio ilegal de animais. Por outro lado, as mídias sociais acabam funcionando como a grande vitrine para os traficantes aumentando a exposição do seu “produto”. O comércio virtual ilegal é um problema novo no Brasil que precisamos enfrentar e que infelizmente ainda não estamos devidamente preparados. A Renctas tem acompanhado esse comércio virtual reunindo dados e informações que nos asseguram uma forte preocupação e medidas a serem tomadas.

CISS - Quais os desafios da Renctas e como a preocupação com a saúde e animal estão inclusas nas ações da Rede?

Dener Giovanini - A nossa principal preocupação é estarmos sempre nos atualizando e tornando as informações disponíveis com dados cada vez mais precisos sobre essa atividade criminosa.

Por se tratar de uma atividade ilegal sem registros e controles, o monitoramento é um trabalho difícil. É um grande desafio para a Renctas buscar prognósticos e simulações de cenários a curto, médio e a longo prazo deste comércio ilegal. Outro grande desafio é a sustentabilidade institucional da Renctas que não recebe recursos públicos e é apoiada por doações de pessoas físicas e/ou de empresas comprometidas com a causa ambiental. A saúde humana e dos animais são preocupações sempre presentes e intimamente ligadas: enquanto existirem desequilíbrios ambientais, teremos a raça humana como alvo preferencial. Entre essas consequências está o aparecimento de doenças emergentes e reemergentes.

* Dener Giovanini é fundador e coordenador geral da Renctas (Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais Silvestres), jornalista, documentarista cinematográfico e ambientalista.

App SISS-Geo inclui registro e localização de animais apreendidos

Em contribuição à fiscalização do comércio ilegal de animais silvestres realizados pelos batalhões militares dos estados, entre outros órgãos de controle, a Plataforma Institucional Biodiversidade e Saúde Silvestre incluiu no aplicativo SISS-Geo, novos campos para registros e localização de animais silvestres apreendidos em todo território nacional.

A nova funcionalidade no app foi solicitada pelo Comandante do Batalhão Ambiental de Porto Seguro, durante o curso Saúde de Animais Silvestres e Saúde Humana: zoonoses e mudanças socioambientais, realizado pela equipe da Fiocruz, em 5 e 6 de outubro de 2016, em Olivença, Ilhéus.

As dinâmicas e discussões em grupo mostraram que o app SISS-Geo pode auxiliar, tendo em vista o contingente limitado e trabalho intenso em alguns locais, quando as anotações de informações sobre as espécies, números de indivíduos e localização precisa, torna-se um desafio, além do registro visual que ajude a identificar as espécies.



Integrantes da Polícia Ambiental do Batalhão Ambiental de Porto Seguro, participaram do curso Saúde de Animais Silvestres e Saúde Humana: zoonoses e mudanças socioambientais. Fotos: Rita Braune



LOCAL DE APREENSÃO – SIM ou NÃO onde o policial está fazendo a apreensão do animal.

LOCAL DE CAPTURA DO ANIMAL – SIM ou NÃO Além da importância de saber se o local da apreensão está exato, é importante informar se o animal foi capturado naquele local.

Descrição do animal

1

Condição física do animal *

Normal

Problemas observados no animal *

Nenhum

Sexo

SELECIONAR

Idade do animal

SELECIONAR

Trata-se de apreensão? *

SELECIONAR

Trata-se de apreensão ?

Sim

Não

AVANÇAR

Detalhamento do local

Característica do Local *

SELECIONAR

Impactos observados no Local *

Nenhum

Situação

Cor

Agricultura

Pecuária

Obrigações

SELECIONAR

Detalhamento do local

SELECIONAR

ESSE É O LOCAL DE CAPTURA

Sim

Não

AVANÇAR

Fontes:

Alves, R.R.N & Pereira Filho, G. Commercialization and use of snakes in North and Northeastern Brazil: implications for conservation and management. *Biodivers Conserv* (2007) 16:969–985.

<https://link.springer.com/content/pdf/10.1007%2Fs10531-006-9036-7.pdf>

Destro, G.F.G et al. Esforços para o combate ao tráfico de animais silvestres no Brasil (Publicação traduzida do original “Efforts to Combat Wild Animals Trafficking in Brazil. *Biodiversity, Book 1, chapter XX, 2012*” - ISBN 980-953-307-201-7)

<https://www.ibama.gov.br/sophia/cnia/periodico/esforcospaaraocombateatraficodeanimais.pdf>

Ibama. Diretoria de Proteção Ambiental. 159 Diagnóstico de delitos ambientais.

Brasília – IBAMA: 2018. 208 p. il. ISBN 85-7302-407-0 -

https://www.ibama.gov.br/phocadownload/fiscalizacaoambiental/2018-12-28_Diagnostico_de_Delitos_Ambientais_Ibama.pdf

Mascheretti et al. Febre amarela silvestre: reemergência de transmissão no estado de São Paulo, Brasil, 2009. *Rev Saúde Pública* 2013;47(5):881-9. <https://www.scielosp.org/pdf/rsp/2013.v47n5/881-889/pt>

Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais Silvestres. 1º Relatório Nacional sobre o Tráfico de Fauna Silvestre. RENTAS, 2011. <http://www.rentas.org.br>

A doença de Chagas é endêmica em 21 países da América Latina e no Brasil se estima que 2 a 3 milhões de pessoas estejam infectadas pelo *Trypanosoma cruzi* que é o parasita responsável por causar lesões no coração, esôfago e intestino e que irão caracterizar a doença.

Existem várias formas de transmissão, mas a vetorial que ocorre através das fezes de barbeiros infectados está entre os principais mecanismos. Para evitar este tipo de transmissão o controle é feito por meio da notificação e/ou busca ativa dos insetos nas unidades domiciliares, pelos agentes de campo, com posterior borrição de inseticidas nas casas infestadas.

Neste sentido, a participação comunitária e a atuação dos agentes de campo são fundamentais para manter o serviço de vigilância e evitar novos casos de transmissão. É importante dizer que no Brasil existem mais de 60 espécies de barbeiros, obviamente a competência vetorial é diferente entre elas e daí a importância de saber fazer a identificação correta para orientar o controle e as pessoas que vivem expostas ao risco de infecção.

Mas o que nós temos observado ao longo dos últimos anos é a grande rotatividade dos agentes de campo e laboratoristas que prestam este serviço e que são deslocados para outras atividades ou deixam o programa. Com isso, não é raro os municípios ficarem sem pessoas capacitadas para o atendimento à população.

Para tentar amenizar este problema, nós da Fiocruz de Minas Gerais, desenvolvemos um aplicativo web e para dispositivos móveis, como tablets e celulares, deno-



minado Guia de identificação de Triatomíneos, ou simplesmente TRIATOKEY. <http://triatokeny.cpqrr.fiocruz.br>

Ao iniciar, o usuário responde perguntas sobre características visíveis do inseto a ser identificado. Acontece um processo de eliminação, por meio das perguntas, que estreita as possibilidades. Para facilitar o processo, cada pergunta é acompanhada de fotos que podem ser ampliadas. De forma interativa e didática, mas sem eliminar o conhecimento científico e técnico necessários para determinar a presença destes vetores, ao fim do processo, se chega a um dos três gêneros de maior importância epidemiológica no Brasil, acompanhado por uma lista de espécies dentro daquele gênero. Outro ponto a ser destacado é a portabilidade da versão.

Qualquer pessoa que possui celulares com sistema Android pode baixar o aplicativo e, com isso, garantir o uso desta ferramenta no campo. Os municípios que aguardam a capacitação de seus agentes e laboratoristas já podem usufruir desta ferramenta, e evitar o comprometimento do programa de controle da doença de Chagas.

Texto: Dra Rita Moreira de Souza - Fiocruz Minas
Foto: Fiocruz Minas

Entrevista: Rita Moreira de Souza *

CISS - Como vocês avaliam a adesão das pessoas ao uso aplicativo e da ferramenta web desde o seu lançamento em 2017?

Rita Moreira de Souza - A avaliação é bastante otimista. Até o momento mais de 4000 pessoas já fizeram o download do aplicativo. Isso sem contar os usuários que utilizam a versão web, a qual não é possível mensurar. Além disso, é preciso mencionar que o alcance será ainda maior quando o aplicativo também estiver disponível para aparelhos que utilizam o sistema iOS. As instalações do App já foram realizadas em 13 países, incluindo o Brasil (99,6% das instalações). Os comentários colocados pelos usuários são bastante satisfatórios e nos estimulam a aprimorar cada vez mais a ferramenta.

CISS - Quais as ações para estimular a participação da sociedade e próximos desafios?

Rita Moreira de Souza - Acredito que quanto maior a visibilidade, maior o alcance para o público alvo. Neste sentido, sempre que possível, solicitamos que às Gerencias Regionais de Saúde e a própria Secretaria de Estado da Saúde (SES) nos ajude a divulgar o uso do Triatokey como uma ferramenta auxiliar para a identificação das espécies de triatomíneos que ocorrem no Brasil. Outro fator importante é o retorno à sociedade. Todas as vezes que os usuários enviam fotos de insetos para serem avaliadas, a equipe do laboratório de Referência é notificada por e-mail e rapidamente a resposta é enviada ao solicitante.

Os desafios são vários. Um dos mais importantes é manter a atualização e do App. Neste sentido as demandas que são colocadas pelos usuários são avaliadas e, na maioria das vezes são atendidas.

* Rita Moreira de Souza é Bióloga formada pela PUC-Minas Gerais e doutora em Ciências na área de Doenças Infecciosas e Parasitárias, pelo Programa de Ciências da saúde do Centro de Pesquisas René Rachou. Tem experiência em Parasitologia, com ênfase em Entomologia e Malacologia de Parasitos e Vetores, atuando principalmente nos temas: Triatominae, *Triatoma vitticeps*, *Trypanosoma cruzi*, Epidemiologia e Controle da Doença de Chagas. Atualmente é Pesquisadora no Laboratório de Triatomíneos e Epidemiologia da Doença de Chagas, Curadora substituta da Coleção de Vetores da Doença de Chagas e colaboradora do Laboratório de Referência em Doença de Chagas do LATEC/CPqRR-FIOCRUZ e colaboradora do Laboratório de Triatomíneos e Epidemiologia da Doença de Chagas.

Saúde Silvestre e Humana no Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí

Durante os dias 30 e 31 de janeiro, a equipe da Plataforma Institucional Biodiversidade e Saúde Silvestre da Fiocruz realizou em três comunidades do entorno do Parque Nacional Serra da Capivara, no Sudeste do Piauí, oficinas sobre a Saúde Silvestre e Humana. Essa atividade, parte do projeto "Paleoparasitologia: evolução, ecologia e emergência das infecções parasitárias no semiárido do nordeste brasileiro" (INAPAS), busca devolver às comunidades os resultados obtidos com as pesquisas na região e, a partir delas, boas práticas de prevenção e controle de zoonoses e conservação da biodiversidade.

Os participantes, pessoas de todas as idades e gêneros das comunidades do Cambraia, município de João Costa e do Barreirinho e Sítio do Mocó, município de Coronel José Dias, discutiram sobre os principais problemas de saúde locais, os mecanismos de transmissão de algumas doenças, a importância da biodiversidade para a saúde e os resultados de pesquisas anteriores realizadas pela Fiocruz na região.

Para o desenvolvimento e prática do conhecimento, os participantes dividiram-se em grupos, realizaram a montagem e apresentação de modelos de artrópodes vetores transmissores de doenças que fazem parte da biodiversidade brasileira. A Série Vetores proporciona de forma lúdica a compreensão de como as alterações ambientais, especialmente as provocadas pelos humanos, podem interferir no ciclo da transmissão de agentes infecciosos ou em outras doenças. A montagem de cada vetor evidencia a importância do ambiente natural conservado, como garantia da qualidade de vida e da saúde de todas as espécies, inclusive a humana.

Na região são comuns a Leishmaniose visceral, a doença de Chagas, verminoses, além de potencialmente casos de peste. Ainda durante a oficina destacou-se a importância do monitoramento da fauna silvestre para a vigilância em saúde e como, utilizando o celular e o aplicativo SISS-Geo, qualquer pessoa pode ajudar no monitoramento da saúde de animais e pessoas. O Objetivo é que mais pessoas da região se tornem "monitores comunitários". Em São Raimundo Nonato, já temos colaboradores do SISS-Geo, inclusive entre os 10 mais atuantes em 2017.

Ao final das oficinas, a equipe da Fiocruz representada pela coordenadora Marcia Chame e a bióloga Raquel Marques, promoveu a discussão sobre a construção de boas práticas para a saúde e biodiversidade com o uso do livro "Biodiversidade faz bem à saúde: guia prático".

Profissionais de saúde, da educação e comunitários interessados receberam os "Cartões ilustrados de Vetores da Doença de Chagas do Brasil (Região Nordeste)", produzido pelo Laboratório de Referência em Taxonomia de Triatomíneos IOC/Fiocruz e o livro "Biodiversidade faz bem à saúde: guia prático".



Treinamento nas comunidades do entorno do Parque Nacional Serra da Capivara e a Pedra Furada, monumento natural.

Fotos: Montagem da Série Vetores na comunidade de Barreirinho, município de Coronel José Dias; Pedra Furada no Parque Nacional Serra da Capivara; Treinamento de uso do aplicativo SISS-Geo na comunidade Sítio do Mocó, município de Coronel José Dias.

Fotos: Marcia Chame e Raquel Marques

[Clique aqui](#)
para conhecer o Guia

[Clique aqui](#)
para conhecer os cartões

[Clique aqui](#)
para conhecer a série

As oficinas integram o projeto da Fiocruz no Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Arqueologia e Paleontologia do Semiárido do Brasil – INAPAS/MC-TIC/CNPq e Fundação Museu do Homem Americano – Fumdam.



Fiocruz vence Prêmio ODS Brasil 2018

Projeto conquistou o terceiro lugar na categoria Ensino, Pesquisa e Extensão

A Plataforma Tecnológica para o Monitoramento Participativo de Emergência de Zoonoses, coordenada pela pesquisadora Marcia Chame, foi uma das iniciativas vencedoras do Prêmio ODS Brasil 2018 na categoria Ensino, Pesquisa e Extensão, conferido pela Secretaria de Governo da Presidência da República. A cerimônia foi realizada em 13/12/2018, no Palácio do Planalto, em Brasília.

“Receber um prêmio é sempre muito bom porque o reconhecimento alimenta a nossa vontade de trabalhar mais e de buscar novas soluções. Ter um trabalho reconhecido nacionalmente é sensacional. A minha equipe é composta por muitos jovens, espero que eles se fortaleçam muito com essas conquistas”, comemorou a pesquisadora Marcia Chame.

O vice-presidente de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde da Fiocruz, Marco Menezes, e o coordenador da Estratégia Fiocruz na Agenda 2030, Paulo Gadelha, prestigiaram o evento ao lado de outros pesquisadores da instituição. As informações inseridas no aplicativo são analisadas por pesquisadores, que relacionam as ocorrências com diversos dados como os de infraestrutura, socioambientais, modificações ambientais, mudanças climáticas e do uso da terra.

A correlação entre os dados busca o entendimento da dinâmica e ecologia das zoonoses frente ao mundo que se transforma. Mais de 58 comunidades já utilizaram o aplicativo, do Norte ao Sul do país.

Com o uso e o retorno das pessoas, já foram feitas mais de 200 melhorias no aplicativo. “Isso mostra como o conhecimento tradicional e o científico podem se somar, agregar e construir”, destaca a pesquisadora.

O Prêmio ODS 2018 é uma iniciativa do Governo Federal. Ao todo, 1038 iniciativas foram inscritas. Destas, 39 práticas foram selecionadas para a etapa final, nas categorias Fins Lucrativos; Ensino, Pesqui-



O vice-presidente de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde da Fiocruz, Marco Menezes, e o coordenador da Estratégia Fiocruz na Agenda 2030, Paulo Gadelha, prestigiaram o evento ao lado de outros pesquisadores da instituição.

Foto: Sergio Vellho Junior, Fiocruz Brasília

sa e Extensão; Governo; e Sem Fins Lucrativos. O Comitê Técnico avaliador foi composto por representantes da Secretaria de Governo, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), da Escola Nacional de Administração Pública (Enap) e do Ministério da Saúde (MS).

Entre as finalistas, outra iniciativa da Fiocruz: Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaina. Os pesquisadores Vagner Nascimento e Ed mundo Gallo receberam a placa de Honra ao Mérito. O Observatório foi criado em 2009 em parceria com o Fórum de Comunidades Tradicionais e atua na Serra da Bocaina, entre os municípios de Ubatuba (SP), Paraty e Angra dos Reis (RJ) buscando reduzir as situações de conflito e promover o desenvolvimento territorial. Existem mais de 100 comunidades tradicionais caiçaras, indígenas e quilombolas.

Durante a cerimônia, foi anunciado o lançamento do banco de práticas que servirá de referência para a implementação e a disseminação de projetos sociais, ambientais, econômicos e institucionais na Agenda 2030. Estiveram presentes o ministro da Casa Civil, Eliseu Padilha e da Secretaria de Governo, Carlos Henrique Sobral, o secretário de Articulação Social, Henrique Villa.

Por: Nathália Gameiro (Fiocruz Brasília)

OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

1 ERADICAÇÃO DA POBREZA	2 FOME ZERO	3 BOA SAÚDE E BEM-ESTAR	4 EDUCAÇÃO DE QUALIDADE	5 IGUALDADE DE GÊNERO	6 ÁGUA LIMPA E SANEAMENTO
7 ENERGIA ACESSÍVEL LIMPA	8 EMPREGO DIGNO E CRESCIMENTO ECONÔMICO	9 INDÚSTRIA, INOVAÇÃO E INFRAESTRUTURA	10 REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES	11 CIDADES E COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS	12 CONSUMO E PRODUÇÃO RESPONSÁVEIS
13 COMBATE ÀS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS	14 VIDA DEBAIXO D'ÁGUA	15 VIDA SOBRE A TERRA	16 PAZ, JUSTIÇA E INSTITUIÇÕES FORTES	17 PARCERIAS EM PROL DAS METAS	OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável é parte de uma resolução internacional aprovada em setembro de 2015, por 193 países na Assembleia Geral das Organizações das Nações Unidas (ONU), quando o governo brasileiro assumiu o compromisso de adotar um modelo de desenvolvimento sustentável, com metas a serem alcançadas até 2030. A Agenda foi elaborada coletivamente com a participação de representantes de organizações da sociedade civil, setor privado, academia, organismos internacionais e governos do mundo inteiro. Ela contempla 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e 169 metas associadas, que são aplicáveis globalmente.

[Leia mais no Relatório da 1ª edição do Prêmio ODS](#)

DEZEMBRO

FIOCRUZ VENCE PRÊMIO ODS BRASIL

O projeto da Plataforma de Biodiversidade e Saúde Silvestre da Fiocruz, coordenado pela pesquisadora Marcia Chame, lançado em 2014, foi vencedor do 3º lugar da categoria Prêmio ODS Brasil 2018 na categoria Ensino, Pesquisa e Extensão, conferido pela Secretaria de Governo da Presidência da República. A cerimônia foi realizada em 13/12/2019, no Palácio do Planalto, em Brasília.



DEZEMBRO

CRISCS 10

A equipe desenvolvedora do Jogo "Mestre dos Vetores", da Plataforma de Biodiversidade e Saúde Silvestre, participou da 10ª Edição do Congresso Regional de Informação em Ciências da Saúde (CRISC), em São Paulo, de 04 a 06 de dezembro. O jogo foi desenvolvido com o apoio do Edital dos Recursos Educacionais Abertos (REA) da Fiocruz. O CRICS10 é organizado pela Organização Pan Americana da Saúde/ Organização Mundial da Saúde (OPAS/OMS) e Ciências da Saúde da América Latina e do Caribe – BIREME.



DEZEMBRO

TREINAMENTO DO SISS-Geo NO PARNASO

A Plataforma de Biodiversidade e Saúde Silvestre realizou em 05 de dezembro, no Parque Nacional da Serra dos Órgãos, estado do Rio de Janeiro, mais uma oficina de treinamento para o monitoramento de saúde silvestre e humana com o uso do aplicativo SISS-Geo. Participaram técnicos de vigilância ambiental e sanitária, guardas-parques, bombeiros, policiais ambientais, guardas municipal, estudantes universitários, professores, gestores de unidades de conservação, profissionais de saúde e ambiente em geral.



NOVEMBRO

SEMINÁRIO DE CIÊNCIA CIDADÃ

A Plataforma de Biodiversidade e Saúde Silvestre organizou o seminário "Experiências de Ciência Cidadã para a Biodiversidade e Saúde", em Manguinhos. O evento abordou oportunidades e desafios e a participação de experiências do IOC e ICICT/Fiocruz para monitoramento de focos de mosquitos e dados de leishmaniose, da PUC-Rio para a observação de aves, do JBRJ/CNCFlora, sobre o detetive botânico.



NOVEMBRO

G-STIC 2018

A Fiocruz apresentou a Plataforma SISS-Geo na Conferência Global sobre Tecnologia e Inovação Sustentáveis (G-STIC), em Bruxelas. O objetivo do G-STIC é estimular novas tecnologias e resolver desafios contemporâneos na área da sustentabilidade. A Fiocruz organizou a sessão de saúde e participou da sessão de dados geoespaciais. Representaram a Fiocruz, Paulo Gadelha diretor da Estratégia Fiocruz para Agenda 2030, o vice-presidente de Produção e Inovação Marco Krieger, o pesquisador Luciano Moreira e Marcia Chame da Plataforma de Biodiversidade e Saúde Silvestre.



NOVEMBRO

OFICINA INTERNACIONAL DE MODELAGEM DE PREVISÃO DE FEBRE AMARELA

Profissionais do Brasil e do exterior se reuniram em Brasília para discutir e apresentar novas ferramentas e modelos de previsão para o enfrentamento da febre amarela. O workshop foi uma realização da Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS/MS) e da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS/OMS) com a colaboração do Imperial College London, da University of Minnesota, do UNICEF e da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).



SETEMBRO

OFICINA DE MODELAGEM DE DADOS PARA FEBRE AMARELA

O Ministério da Saúde e a Fiocruz realizaram de 10 a 14 de setembro, no Rio de Janeiro, a "Oficina de discussão, avaliação e escrita técnico-científica sobre modelagem de dados aplicada a análise de risco e predição de emergências em saúde pública por Febre Amarela no Brasil". Participaram cerca de 20 especialistas com experiência em modelos de risco e representantes das Secretarias de Saúde dos estados do RJ, ES, MG, SP, RS, da ENSP-Fiocruz, IME.



AGOSTO

LANÇAMENTO DA COLEÇÃO MAPBIOMAS

A Plataforma de Biodiversidade e Saúde Silvestre da Fiocruz é usuária da base de dados geoespaciais da iniciativa MAPBiomias para a modelagem de zoonoses e participou do lançamento da Coleção 3 da iniciativa, em Brasília, no dia 17/08/2018. Nesta terceira coleção de mapas de cobertura e uso da terra, o MapBiomias cobriu os anos de 1985 a 2017. Membros da iniciativa e especialistas apresentaram novos dados e discutiram suas aplicações para políticas públicas.



JULHO

ABRASCÃO 2018

A Plataforma Institucional de Biodiversidade e Saúde Silvestre da Fiocruz apresentou o aplicativo SISS-Geo e materiais educativos no 12º Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva que contou com pesquisadores de diversas áreas, profissionais e trabalhadores da saúde, gestores e técnicos da saúde, além de militantes de movimentos sociais e de entidades da sociedade civil, caracterizando-se como um dos mais importantes fóruns científicos da área em todo o mundo.



MAIO

SISS-GEO: TOP COLABORADORES 2017

Na abertura da temporada de montanhismo do Parque Nacional da Serra dos Órgãos, a equipe da Plataforma Institucional de Biodiversidade e Saúde Silvestre da Fiocruz premiou os dez colaboradores SISS-Geo em destaque de 2017. Pheterson Godinho recebeu o troféu de embaixador, a equipe de gestão PARNA SO recebeu o troféu de instituição parceira 2017 e Carlos Nascimento da EcoBike (na foto) foi um dos 10 colaboradores que mais enviaram registros pelo aplicativo de monitoramento de animais silvestres.



MAIO

OFICINA SAÚDE SILVESTRE E HUMANA EM SANTO ALEIXO, RJ

Comunitários, condutores de trilhas, guardas parques e interessados, participaram em Santo Aleixo, distrito de Magé, RJ, da Oficina Saúde Silvestre e Humana, além do treinamento do SISS-Geo para o monitoramento de epizootias de Febre Amarela. As oficinas com as comunidades do entorno do PARNASO, fazem parte da parceria da Fiocruz e o Parque Nacional Serra dos Órgãos.



ABRIL

TREINAMENTO FEBRE AMARELA NA REBIO UNIÃO, RJ

Com a parceria da Secretária Municipal de Ambiente de Casimiro de Abreu, Denise Rambaldi, 42 profissionais de Meio Ambiente e Saúde de Casimiro de Abreu e Silva Jardim, além de guardas-parque, agentes da defesa civil e professores da UFRJ/NUPEM e outros interessados, participaram do treinamento para identificação de epizootia de febre amarela, coleta de carcaças, biossegurança, além do uso do SISS-Geo para a vigilância ativa e cumprimento do fluxo de amostras e informações no Estado do Rio de Janeiro.



MARÇO

TREINAMENTO FEBRE AMARELA NO PARQUE MUNICIPAL DE MARAPENDI, RJ

Cerca de 60 profissionais da Secretaria de Saúde e Ambiente, do ICMBio e Inea, guardas-parque e policiais ambientais do estado do Rio de Janeiro, participaram do treinamento para a coleta de primatas não humanos, uso de EPI, encaminhamento de carcaças ao fluxo de vigilância do Estado, preenchimento da Ficha de Epizootias e do SISS-Geo, para a vigilância de epizootias de Febre Amarela.



MARÇO

TREINAMENTO DE FEBRE AMARELA EM RESENDE, RJ

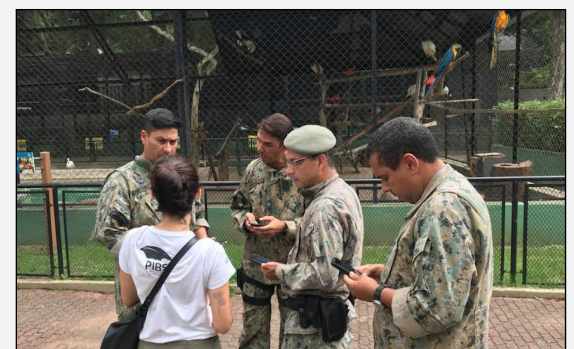
Em parceria com o Parque Nacional de Itatiaia e a Associação Educacional Dom Bosco, 37 profissionais das Secretarias de Saúde, Ambiente, gestores e guardas-parque do ICMBio e ONGs, participaram em 23/03/2018 do treinamento para vigilância de epizootias de Febre Amarela e do treinamento do SISS-Geo como ferramenta de vigilância de primatas não humanos. Procedimentos para vigilância ativa e passiva, coleta de animais mortos e o fluxo de informações e de material biológico foram atualizados com os presentes.



MARÇO

TREINAMENTO DE FEBRE AMARELA NO JARDIM ZOOLOGICO DO RIO DE JANEIRO, RJ

Em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro e o Centro de Zoonoses do Rio foi realizado o 2º treinamento para a coleta de primatas não humanos, procedimentos de biossegurança e fluxo amostras e informações para a vigilância em saúde, além do uso do SISS-Geo para o monitoramento de epizootias de Febre Amarela. Participaram técnicos da vigilância sanitária do município, agentes de endemias e policiais do batalhão ambiental do estado do Rio de Janeiro.



PARTICIPE DO MONITORAMENTO DE ANIMAIS SILVESTRES



SISS-GEO DISPONÍVEL NA VERSÃO IOS PARA DISPOSITIVOS APPLE

A versão IOS do SISS-Geo, aplicativo de monitoramento de animais silvestres da Fiocruz, já está disponível na AppleStore, para os dispositivos que utilizam o sistema operacional da Apple. Com o IOS, o app permite consultas e navegação mais rápidas, entre outras funções. A plataforma de comunicação foi aperfeiçoada criando um espaço de contato maior entre os colaboradores e a equipe. Pelo Fale Conosco, o colaborador pode enviar suas perguntas e sugestões e receber respostas da equipe de suporte e/ou especialistas, de forma mais rápida e interativa.

Boletim Informativo | BI - CISS/012 Fevereiro

Edição: Marcia Chame e Rita Braune / Diagramação: Rita Braune